

INCONVENIENTES. AS GAFES E OS PROBLEMAS NAS RELAÇÕES E NO TRABALHO

# FALAM SEM MEDIR CONSEQUÊNCIAS

Impulsivos ou apenas distraídos, dizem o que lhes vem à cabeça sem pensar no que os outros podem sentir com as suas palavras. Depois são os chefes que se irritam, os amigos que desaparecem, os pais que ficam embaraçados e os namoros que acabam. Mas nem tudo é mau: também são divertidos e até criam clubes. **Por Raquel Lito**



**L**ogo à primeira música escorregou no protocolo. Um cavalheiro inglês convidou alguém para a valsa, durante uma recepção na embaixada britânica do Peru. Mas a cortesia deu em fiasco, com a pessoa a disparar um rotundo “não”. Primeiro, porque não dançava com bêbados. Segundo, porque a música de fundo não era uma valsa, mas o hino do Peru. E terceiro, porque afinal era um homem – logo por azar, o inglês metera-se com o arcebispo de Lima, capital peruana. De tão hilariante, a tripla inconveniência circula como um mito urbano. Entre vários suspeitos do deslize, o mais provável chama-se Evelyn Waugh, falecido escritor britânico que ficou

célebre pelo seu humor corrosivo.

O episódio, com 50 anos, nunca perde actualidade. Porque inconveniências há muitas e até são motivo de falatório em blogues. Além de gafes no protocolo, os internautas destacam os exageros no cinema cómico (com as figuras de Borat a provocar a ira do Cazaquistão); na religião (quando o Papa Bento XVI afirmou que Maomé espalhava a fé pela espada); nas relações sociais (Lili

**Catarina Correia perguntou a um colega porque é que deu o nome de uma prostituta à filha, Maria Madalena**

Caneças a dissertar sobre um padrão de tecido *tigresse* a uma miúda de um bairro carenciado); ou até na cultura (João César Monteiro a dizer "eu quero que o público se f..." quando questionado sobre o interesse do seu filme, sem imagens, *Branca de Neve*).

O perfil dos inconvenientes não varia muito. Os dicionários definem estas pessoas como inoportunas, com comportamentos irreflectidos. A psicologia prefere chamá-las "distraídas" e propensas à "impulsividade", refere a especialista Mariana Ferreira de Carvalho, e a medicina atribui o problema ao lobo frontal, a área do cérebro que regula os comportamentos sociais. Mas todas as teses são consensuais: o resultado pode ser um desastre...

**...É IRREVERSÍVEL.** "As gafes não se podem remediar, o mal já está feito. É preferível ter contenção no discurso e desculpar-se pela indelicadeza", aconselha João Micael, especialista em etiqueta e director da revista *Portugal Protocolo*. Coisa que o ministro das Obras Públicas,

mou a falar de política e deu-se mal. "Se fosse hoje não tinha alimentado aquela conversa", diz o reformado, de 62 anos, melo arrependido e resignado. Um casal amigo, retornado de Angola em 1977, queixava-se de que Portugal não os tinha recebido bem, e António disparou: "Vocês vieram para aqui tesos e agora estão ricos. O 25 de Abril foi a melhor coisa que vos aconteceu." A conversa acabou ali e, desde então, há 30 anos, nunca mais falaram. "Gostava de reatar a amizade porque eram como uns pais para mim. Nem sei se estão vivos."

António é o exemplo típico do inconveniente que fala demais e enterra-se. "Da minha boca sai tudo disparado, a minha intenção não é ofender pessoas." Mas ofende. Num outro encontro de amigos resolveu fazer campanha contra as madrastas ("Deus me livre se era capaz de fazer isso às minhas filhas"). Esqueceu-se, porém, que estava à frente de uma. "Ela saiu porta fora." A sorte dele foi o bom-senso da mulher, que o convenceu a pedir desculpa imediatamente.

Por mais avisos da

ração Catarina Correia. "As pessoas que se preocupam com o que os outros pensam irritam-me." Percebe-se. Aos 25 anos, a jurista tem um longo historial de inconveniências. A última aconteceu há três semanas, quando um colega lhe disse o nome da filha, Maria Madalena. Comentário de Catarina: "Então vais dar um nome de prostituta à tua filha?" Segundos depois caiu em si e evitou mais referências à figura bíblica. "Quer dizer, Madalena até é um nome bonito, mas não gosto da combinação." O colega, bem-humorado, deu-lhe o desconto.

Já no anterior emprego o desfecho foi mais infeliz. Enquanto descrevia uma funcionária das finanças como "gorda", a sua chefe arregalava os olhos. "Ela media 1,70 m e devia pesar aí uns 100 kg." Não houve mais conversa, mas dispensaram-na após o período experimental. "Disseram que não tinha perfil. Fiquei revoltada porque o meu nível técnico era bom."

Nos namoros mantém o estilo. Para ela não existem mentirinhas piedosas ou cerimónias. "Durante quatro



ALTO: GUY LAWRENCE / GETTY IMAGES; BAIXO: GUY LAWRENCE / GETTY IMAGES

Mário Lino, não fez. O "gafista" do momento comparou a Margem Sul a um deserto, a 25 de Maio passado. Queria dizer que não fazia sentido construir um aeroporto naquela zona, mas na Ota. Contudo, o que passou no discurso foi a palavra "deserto". Uma metáfora que lhe valeu dezenas de protestos.

Também António Duarte se entusias-

ma a falar de política e deu-se mal. "Se fosse hoje não tinha alimentado aquela conversa", diz o reformado, de 62 anos, melo arrependido e resignado. Um casal amigo, retornado de Angola em 1977, queixava-se de que Portugal não os tinha recebido bem, e António disparou: "Vocês vieram para aqui tesos e agora estão ricos. O 25 de Abril foi a melhor coisa que vos aconteceu." A conversa acabou ali e, desde então, há 30 anos, nunca mais falaram. "Gostava de reatar a amizade porque eram como uns pais para mim. Nem sei se estão vivos."

António é o exemplo típico do inconveniente que fala demais e enterra-se. "Da minha boca sai tudo disparado, a minha intenção não é ofender pessoas." Mas ofende. Num outro encontro de amigos resolveu fazer campanha contra as madrastas ("Deus me livre se era capaz de fazer isso às minhas filhas"). Esqueceu-se, porém, que estava à frente de uma. "Ela saiu porta fora." A sorte dele foi o bom-senso da mulher, que o convenceu a pedir desculpa imediatamente.

Por mais avisos da

ração Catarina Correia. "As pessoas que se preocupam com o que os outros pensam irritam-me." Percebe-se. Aos 25 anos, a jurista tem um longo historial de inconveniências. A última aconteceu há três semanas, quando um colega lhe disse o nome da filha, Maria Madalena. Comentário de Catarina: "Então vais dar um nome de prostituta à tua filha?" Segundos depois caiu em si e evitou mais referências à figura bíblica. "Quer dizer, Madalena até é um nome bonito, mas não gosto da combinação." O colega, bem-humorado, deu-lhe o desconto.

Já no anterior emprego o desfecho foi mais infeliz. Enquanto descrevia uma funcionária das finanças como "gorda", a sua chefe arregalava os olhos. "Ela media 1,70 m e devia pesar aí uns 100 kg." Não houve mais conversa, mas dispensaram-na após o período experimental. "Disseram que não tinha perfil. Fiquei revoltada porque o meu nível técnico era bom."